

# OCCUPY WALL STREET (OWS): A OPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES A GLOBALIZAÇÃO.

Tulio Barbosa<sup>1</sup>

## Grupo de Trabalho 8

### GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS E PROCESSO HISTÓRICO

**RESUMO:** O presente trabalho tem como centralidade a compreensão do movimento de resistência social Occupy Wall Street iniciado em 2011 por motivações oriundas da Primavera Árabe e das indignações promovidas pelas contradições do capitalismo. Neste trabalho apresentamos um balanço do tempo presente e como esse movimento pode colaborar para o questionamento dos valores construídos pelo capitalismo por meio da construção de espacialidades resultadas das movimentações de resistências. Também destacamos a importância deste movimento de resistência social para a construção de uma agenda internacional de apoio e solidariedade entre os trabalhadores.

## Ocupando Wall Street

*“Nós somos os 99% e podemos mudar o mundo”.*  
*Lema gritado pelos manifestantes do OWS no dia 1º de Maio de 2012*

Compreender o espaço-tempo presente significa entender as transformações que ocorreram na reorganização da produção, consumo e circulação do capitalismo a partir dos trabalhadores. Dispor das ferramentas da crítica na mesma linguagem imperativa do capitalismo impede a compreensão da totalidade deste movimento iniciado nos Estados Unidos e, posteriormente, motivador de movimentos congruentes a esse; assim, partimos da crítica de como o Occupy Wall Street (OWS) não pode ser considerado um evento neutro e isolado, mesmo não revelando atitudes mais radicais quanto ao sistema capitalista. Entendemos que o OWS não tem como consequências imediatas reformas ou revoluções nas esferas econômicas e políticas do modo de produção capitalista, por isso afirmamos que as ferramentas para compormos a crítica não partem das consagradas expectativas estruturalistas (tanto da história, como da economia, sociologia e geografia), o ponto nevrálgico é a compreensão deste movimento (e outros semelhantes) como movimentos de resistências sociais.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica. Licenciado, Mestre e Doutor em Geografia. Também doutorando em História pelo PPG do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [tulio@ig.ufu.br](mailto:tulio@ig.ufu.br)

OWS foi um movimento singular, atacou o centro financeiro e econômico mundial, essa movimentação de trabalhadores objetivou ocupar espaços de estratégica já que tais articulam-se cotidianamente das escalas locais a globais. Assim, esse movimento de resistência promoveu o debate amplo, para além das instituições oficiais, embates promovidos pelo descontentamento da população em geral e materializados nas ações de resistências dos trabalhadores ocupantes de Wall Street.

Somente é possível a realização de mobilização popular e, posteriormente, de movimento de resistência social com o enfrentamento das contradições imperativas do modo de produção capitalista, pois o enfrentamento promove a resistência e essa resulta no embate direto das contradições que operam multiescalarmente e projetam para os trabalhadores resultados negativos deste processo, portanto, redução de salários, demissões em massa, exigências de mais qualificações profissionais, dedicação exclusiva ao trabalho, subtração das horas de lazer e perigo constante das perdas dos direitos trabalhistas conquistados por meio de muitas lutas pelos próprios trabalhadores. O enfrentamento vem a partir da indignação e essa somente ocorre através do esgotamento das possibilidades de negociações institucionalizadas do trabalhador para com o patrão, dos trabalhadores sindicalizados com as empresas, dos sindicatos com o Estado e dos trabalhadores com os sindicatos. A organização social capitalista no mundo ocidental arbitra pelas palavras impositivas de ordem, democracia, respeito e tolerância; assim, essas palavras fazem muito sentido para os trabalhadores e somente no auge de uma crise é que alguns trabalhadores se mobilizam para além da ordem estabelecida e obrigatória.

### **Ocupando, Resistindo e Criando Espacialidades**

As crises econômicas e políticas no capitalismo são próprias deste sistema, todavia a crise maior e constante são as dos trabalhadores, já que os mesmos não possuem o controle do Estado, da produção capitalista e das organizações econômicas e financeiras. As decisões tomadas e realizadas em cada uma destas instituições são deliberações que atingem diretamente aos trabalhadores. Não se pode negligenciar o papel ativo do capitalismo no cotidiano do trabalhador, mas não podemos esquecer que o capitalismo tem rostos e nomes, não se trata de uma entidade mítica, mas de pessoas que organizam, pensam e agem sob os escrúpulos da produção e do lucro.

A importância deste movimento está na espontaneidade, nas suas fileiras formadas por voluntários, por pessoas de diferentes visões partidárias e políticas, diferentes situações socioeconômicas e principalmente diferentes profissões. Se num primeiro momento parece contraditório um movimento sem ordenamento partidário ou político, posteriormente, ao fitarmos as suas composições e objetivos compreendemos mais profundamente que se trata de um movimento de resistência contra aquilo que atinge diretamente todos os trabalhadores: o capitalismo, que a partir de Fernandes (2009), entendemos como o mais selvagem possível. Essa movimentação social promove resistências e engendram latências para outras manifestações, tal como a influência da Primavera Árabe no OWS.

Alguns trabalhadores não tem clareza da totalidade de suas relações produzidas socialmente como resistência num movimento de ocupação de lugares públicos tendo como finalidade a demonstração de insatisfação com a organização política, econômica, militar, produtiva e outras, pois entraram no movimento pela disposição em trilhar novas experiências e produzir novas histórias, mas isso não diminui a necessidade do movimento, muito menos o caráter de resistência, ao contrário, agregam pessoas que antes não tinham como projeto qualquer articulação política e muito menos qualquer desejo em protestar. Certeza ou não de sua condição socioeconômica os trabalhadores mobilizaram-se e construíram barreiras de resistências no espaço público delimitando poder e arbitrariedades. Sabemos dos limites

destas resistências, da fragilidade dos trabalhadores diante da organização do Estado sob os auspícios dos capitalistas, mas o importante, neste momento, é a construção de experiências que perpetuem memórias de lutas, em outras palavras, a aparente fragilidade dos trabalhadores é desmontada pela coletividade e pelo espírito de luta vinculado pela composição das experiências formando o movimento e, posteriormente, talvez, uma classe. Assim, compartilhamos da afirmação de Thompson (2004, p.11-12) e a trazemos para o tempo presente, mas precisamente para Wall Street:

[...] Se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição.

As experiências individuais no movimento são imbricadas por outras coletivas e partir desta relação dialética os trabalhadores partem seus projetos existenciais de pontos comuns, pois as experiências coletivizadas e mobilizadas por indivíduos tornam-se, inevitavelmente, composições de resistências ao atrelarem-se a formação de uma coletividade objetivada para além das imposições capitalistas. Portanto, a composição do movimento desde o início teve o caráter agregacionista, sem demérito, pois o objetivo maior era a organização de uma coletividade capaz de se manifestar publicamente com resistência as organizações de produção, consumo e circulação do capitalismo, organizações direcionadas pelas políticas econômicas, financeiras e sociais promovidas pelos “gerentes” do neoliberalismo e que se popularizou com o nome de globalização. Resistir a isso é parte da agenda do OWS.

Desde o início OWS foi um movimento de resistência, mas não de revolução. Não podemos atarefá-lo a agenda deste movimento com direcionamentos que não fundam suas mobilizações. Conforme as palavras do idealizador do OWS, Kalle Lasn (2012, s/p):

Muitos jovens nos EUA sentem que todos os aspectos de suas vidas, como o tipo de sapato que compram, a música que escutam, ou a comida que comem, são de alguma forma controladas por poucas e poderosas megacorporações. Foi assim que começamos: precisamos de uma mudança de regime suave na América e como podemos realizá-la.

Essas mudanças suaves causaram muitas complicações em muitas cidades do mundo. Essa suavidade afetou o cotidiano de muitas pessoas em todo o mundo e obrigaram as mesmas a pensarem para além do seu dia-a-dia. As amarrações do trabalho diário e as exigências do consumo foram monitoradas por outras situações, por novas resistências que articularam-se multiescalarmente e tomaram novas proporções. A suavidade pode estar no não agendamento de processos revolucionários, mas a suavidade acaba quando começa o barulho dos trabalhadores inconformados com o resultado das políticas neoliberais.

Diante disso, entendemos que o ponto fundamental do OWS é a coletividade. Pensar coletivamente foi e é um dos grandes desafios deste movimento. Desafio duplo, pois culturalmente empenha-se o indivíduo e por tratar-se de movimento tão heterogêneo essa coletividade poderia ser ameaçada. O mais interessante é que essa diversidade de culturas, paixões, medos, amores, enfim, a diversidade promoveu o direcionamento para o respeito coletivo, não para a tolerância, mas para a compreensão e essa levou ao respeito. Se sociólogos afirmavam a decadência da coletividade, dos movimentos sociais, das organizações apartidárias e dos sindicatos surpreenderam-se com o direcionamento dado pelos trabalhadores a importância em ser sujeito coletivo, em fazer-se coletivamente. O precedente aberto é a animação para a superação da individualidade e a possibilidade, sem dúvida, de um mundo mais plural e pensado do coletivo para o coletivo. Aqui os trabalhadores julgaram e condenaram o neoliberalismo, criminalizaram de todas as faltas, exploração e dores a globalização.

As experiências destes trabalhadores<sup>2</sup> compuseram espaços de resistências a partir de projetos e ações coletivas. Obviamente, que as organizações capitalistas não desejavam qualquer desvio da ordem social, econômica, política e espacial, assim, em poucos dias começaram as arbitrariedades e truculências dos agentes do capitalismo e as prisões foram muitas. Essas truculências motivaram os trabalhadores a continuarem as ações coletivas e organizaram-se ainda mais como apontou Vanessa Zetler (2011, s/p), brasileira que participou ativamente do OWS:

Outro momento que também significou uma guinada na divulgação do OWS foi a marcha de solidariedade que contou com a presença maciça dos sindicatos de trabalhadores de Nova Iorque e dos estudantes das principais universidades. Esta marcha ocorreu no dia 5 de outubro, uma ensolarada quarta-feira, e reuniu mais de 30 mil pessoas em frente à prefeitura da cidade.

Quarta-feira (dia de trabalho) e o OWS “mobilizou” mais de 30 mil pessoas em solidariedade aqueles que sofreram com as arbitrariedades e a truculência dos agentes do capitalismo. Não se trata de pontualidades, as ações são mais ampliadas e vão sendo ampliadas cada vez mais em novas escalas, novas relações e novos direcionamentos críticos a globalização. Por muitos anos essas manifestações foram pontuais em todo o mundo, nestes tempos de globalização a comunicação virtual e a rapidez da propagação da informação foram responsáveis pela articulação do OWS. Assim, o apoio dos sindicatos foi de extrema importância, pois promoveu no movimento resistências que foram além do que mídia noticiou, ou seja, o movimento era de trabalhadores para trabalhadores demonstrando as mazelas do capitalismo atual. No coração do sistema bancário, financeiro e econômico marcharam trabalhadores professando um credo comum: denunciar os crimes do neoliberalismo, apresentado sempre como globalização. Marcharam e a agenda comum era (e ainda é) a solidariedade.

Essa marcha foi (é) uma ocupação da cidade. Os espaços públicos são ocupados pelo público preocupado com o destino do mundo, com as mazelas nacionais e com o negligenciamento do Estado para com a população em geral. Todo movimento de resistência social implica na ocupação de espaços, na constituição de novas espacialidades, somente posterior a isso é que se configura como resistência, pois a demonstração de poder está justamente na destruição da ordem estabelecida; assim, praças, avenidas, ruas, prédios públicos e parques quando ocupados são sentenciados a serem materialmente os portavozes dos manifestantes. Os impactos das novas espacialidades geram incômodos à ordem de forma necessária para que os manifestantes sejam escutados.

Seus gritos alcançam toda a sociedade, obviamente que a grande mídia sempre deturpa as imagens, as aglomerações de pessoas, os gestos, os movimentos, as mobilizações para garantir a manutenção da ordem. Também outros intencionalmente diminuem a importância do movimento, tal como apontou Zizek (2012, p. 18) ao referir-se ao ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton que afirmou: “[...] eles precisam apoiar algo específico, e não somente ser contra, pois, se você é simplesmente contra, alguém acaba preenchendo o vazio que você criou”.

Clinton incomoda-se com o fato dos manifestantes serem contra alguma coisa. Ele deseja saber do que são contra, quando na verdade já sabe: eles são contra tudo aquilo que oprime. Parece muito, mas é exatamente isso. Manifestam contra a democracia burguesa e favor de uma democracia ampla e real para todos. Porém, como afirmou Zizek (2012, p. 21): “Uma vez que a economia global está fora dos limites das políticas democráticas, qualquer

---

<sup>2</sup> Entendemos aqueles que formam a base da estrutura produtiva capitalista; assim, agregamos a esse, de forma livre e talvez grosseira, estudantes, profissionais liberais e outros. Entendemos que os estudantes ainda serão trabalhadores, por isso, optamos por apontar todos como trabalhadores para deixar nítido o nosso posicionamento político marxista.

tentativa de aproximá-la da democracia apressará o declínio desta”. Não temos dúvida que a economia globalizada é oposta a real democracia, aproximar ambas é impossível, por isso, é fundamental a construção de novas relações sociais, políticas e econômicas. Relações manifestadas em todas as mobilizações do OWS.

Inicialmente o movimento aparece como manifestação simples, depois ganha volume e suas reivindicações ultrapassam a escala nacional, essa ultrapassagem está justamente incorporada às condições mais ampliadas de lutas nas quais os sujeitos reivindicam outro modo de produção. Torna-se impossível sentenciar o movimento, não podemos afirmar para onde o mesmo vai, mas podemos compreender de qual local partiu: das contradições do modo de produção capitalista.

Essas contradições são inaceitáveis para os trabalhadores do movimento e suas lutas são canalizadas coletivamente denunciando e exigindo o fim destas contradições que mazecam o cotidiano dos trabalhadores. A heterogeneidade dos trabalhadores parecia, num primeiro momento, impedir a agregação da coletividade, o que se mostrou errado. Essa diversidade foi apresentada por August Bradley que fotografou 99 pessoas que participaram (participam) do OWS. Essa demonstração heterogênea apresentou um ponto em comum: o desejo de mudanças. Não se tratam de mudanças isoladas, são mudanças corporificadas nas ações coletivas. Mesmo os trabalhadores que não desejam se envolver e estão acompanhando o OWS, de certa forma, se direcionam para a crítica ao capitalismo, uma vez que compartilham experiências de resistências e essas promovem uma memória de resistência a esses trabalhadores.

Ao buscarmos elementos que comprovem a relação entre a memória e a resistência basta localizarmos a articulação escalar local-global e desta temos a certeza das ações realizadas em Wall Street e depois propagadas por várias cidades do mundo. Essa propagação da mobilização em oposição ao capitalismo globalizado somente é possível com a identificação das experiências de lutas do OWS com as experiências de vidas dos sujeitos que se identificam e se organizam para promoverem a mobilização.

A ocupação do espaço pública produz nos trabalhadores experiências de ações concretas e essas resultam em memórias de ações voltadas para a transformação da realidade. O impacto da mobilização pelo espaço até sua ocupação, mesma provisória, impulsiona novos olhares dos trabalhadores pela relação dialética mundo-sujeito, já que o mundo podemos fazê-lo, mesmo “pronto”, podemos reconstruí-lo. São significativas essas relações para o cotidiano dos trabalhadores. As experiências produziram novas espacialidades e a expansão do movimento de resistência social passa a ser uma “necessidade” constante daqueles que partilharam destas experiências, em outras palavras, não é possível extinguir aquilo que vivemos e vivenciamos, as memórias perpetuam as possibilidades de ações e o agora aparece como ponto espaço-temporal para agirmos, como se todas as horas fossem próprias para a contestação e crítica a sociedade ocidental capitalista.

São precedentes importantíssimos para a ampliação dos questionamentos, o OWS neste primeiro de maio de 2012 trouxe novas bandeiras e novas críticas a organização social, econômica e política capitalista, apresentando todo o apoio aos trabalhadores migrantes nos Estados Unidos. As questões nacionalistas levantadas por alguns trabalhadores que fizeram (fazem) parte do OWS foram, em parte, superadas e o internacionalismo solidário, até aqui, parece ter relativamente superado o conservadorismo nacionalista. Frisamos que esse nacionalismo faz (fez) parte também das resistências, já que a economia globalizada foi o alvo central, num primeiro momento, do OWS e, posteriormente, pelas experiências e exigências de resistências foram apresentadas bandeiras de lutas voltadas para a coletividade e a solidariedade internacional.

As solidariedades dos trabalhadores em escalas locais e globais constituem bandeira inexorável para a construção de novas realidades, de novas memórias e experiências. A

ampliação da resistência pelo movimento social somente é possível com a ampliação das espacialidades, em outros termos, a movimentação social de resistência precisa garantir o mínimo domínio espacial. Não sejamos ingênuos em acreditar na constituição deste pequeno domínio como domínio territorializado, pois a territorialização das relações de resistência somente será real com o processo de ampliação das revoltas em revolução. Também não afirmamos que uma possível revolução seja consequência do OWS, pois não temos e nem teremos elementos suficientes por muitos anos para confirmarmos essa possibilidade.

No momento a história do OWS é escrita cotidianamente; assim, evidências que mobilizem os trabalhadores para a resistência são apontamentos práticos para o desenvolvimento de uma plataforma comum que tem a inauguração voltada para a criminalização da globalização e, posteriormente, orientada para um programa amplo de reformas para o capitalismo mundial ou talvez a destruição deste.

Esse movimento histórico de resistência global compõe novas relações e desestabiliza verdades que foram por muito tempo sacralizadas em dogmas positivas, isto é, a ordem estabelecida pelo modo de produção capitalista não pode ser dissolvida, afirmaram ainda muitos dogmáticos que um movimento de resistência global poderia nunca ocorrer. O OWS foi mais longe ainda, pois promoveu a unidade de povos diferentes (socialmente, culturalmente, politicamente, economicamente e tecnologicamente), unidade baseada na igualdade dos povos e a necessidade preeminente de uma democracia real. A unidade de resistência global colocou lado a lado “inimigos” culturais, como os povos árabes e os estadunidenses, não há outro sentido além da subtração das diferenças como programa de solidariedade.

Desde o 11 de setembro de 2001 foram construídas barreiras que inviabilizavam o encontro entre os povos árabes e o ocidente, pois realizaram, desde então, campanhas sistemáticas e massivas que associavam os árabes a terroristas, portanto, quando árabes e estadunidenses se aproximam em atos de solidariedades deixam para trás todas as diferenças, as disputas ideológicas, as concorrências econômicas e o papel do Estado, para projetarem-se como povos solidários que almejam o bem comum. Isso é, sem dúvida, algo revolucionário, já que o distanciamento da ideologia promove ações concretas beneficiadoras da humanidade. Para fora as ideologias, para dentro as resistências solidárias de todo o OWS – são palavras postas diariamente em prática pelos trabalhadores mobilizados.

A aproximação do oriente e do ocidente são ganhos incalculáveis. Sabemos, sem ingenuidade, que as diferenças culturais são consideráveis, porém a aproximação permite a subtração de desavenças orientadas pelos aspectos culturais os quais são no ocidente divulgados pelas corporações midiáticas. O oriente desde os eventos que ocorreram nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001 foi distanciado do ocidente, com as mobilizações e protestos nos países árabes e a repercussão no ocidente destes eventos com apoio pelos ocidentais houve a reaproximação em consórcio solidário de um para com o outro. Como atesta as manifestações de apoio a Primavera Árabe pelos trabalhadores do OWS e pela própria carta de solidariedade e apoio dos trabalhadores mobilizados em protestos do Cairo. Carta que incentiva os trabalhadores ocidentais a continuarem a luta e que também apresentam agradecimentos pela solidariedade ocidental. O OWS e a Primavera Árabe promoveram o que a muito não se via na história: a solidariedade internacional entre os trabalhadores.

Os trabalhadores do Cairo, nesta carta, incentivam a progressão geométrica das ocupações, evidenciam que apenas a ocupação de espaços pode trazer sucesso ao movimento de resistência. Os trabalhadores do Cairo; assim, se manifestam aos trabalhadores do OWS:

By way of concluding then, our only real advice to you is to continue, keep going and do not stop. Occupy more, find each other, build larger and larger networks and keep discovering new ways to experiment with social life, consensus, and democracy. Discover new ways to use these spaces, discover new ways to hold on to them and never give them up again. Resist fiercely when you are under attack, but otherwise take pleasure in what you are doing, let it be easy, fun even. We are all watching one another now, and from Cairo we want to say that we are in solidarity with you, and we love you all for what you are doing. (SOLIDARITY STATEMENT FROM CAIRO, 2011, s/p)<sup>3</sup>

Os trabalhadores manifestam seu amor pelo OWS, isso é extremamente significativo, a construção simbólica desta carta revela a aproximação e a identificação dos trabalhadores desejosos em promoverem outro mundo, outra história. Para isso ocupam espaços, mobilizam-se e atuam em escala planetária. Sabemos que essa carta não representa a vontade de todos os trabalhadores árabes, mas temos certeza que parte deste movimento solidariza-se com os trabalhadores ocidentais e isso é o mais importante, pois essa identificação produz experiências e essas memórias narrarão outro mundo possível por meio de enfrentamentos, lutas e solidariedade entre os trabalhadores.

### **Fazendo história...**

Kalle Lasn editor e fundador da Adbusters, revista responsável pela divulgação das ideias que promoveram a organização e prática do OWS, continua muito atuante e sua revista divulgam as ideias que partem dos trabalhadores, isto é, não se trata de um órgão informativo e diretivo, pois a revista tem a função de promover os embates e os enfrentamentos experienciados pelos trabalhadores. A teoria revolucionária está sendo construída a partir das tensões cotidianas enfrentadas contra o neoliberalismo. Se num primeiro momento Lasn desejou reformas suaves, agora no último número da revista Adbusters (maio-junho de 2012, volume 20, número 3) cogita-se revolução. Não aponta uma caminho revolucionário, nem marxista ou outro, mas aponta o sentido de revolução, a necessidade de mudar tudo que está estabelecido e a indignação com a manipulação do mundo por 1% da população mundial.

Neste último número da Adbusters o conselho da carta de apoio do Cairo parece ainda ecoar, pois uma das matérias apresentadas é justamente a ocupação de espaços objetivando a fundação de espaços autônomos como constituição de um programa de resistência. Os caminhos do OWS não estão todos definidos, mas a ocupação de espaços e a confecção de novas espacialidades pela resistência é o caminho para uma possível revolução.

A indignação já está posta, a resistência arma-se cotidianamente e a fundamentação teórica é construída coletivamente. Os temas, lemas e dilemas são debatidos constantemente, existem calendários em várias cidades do mundo nos quais são debatidos os problemas e tensionadas as soluções.

We protest not only at our exclusion from the American Dream; we protest at its bleakness. If it cannot include everyone on Earth, every ecosystem and bioregion, every people and culture in its richness; if the wealth of one must be the debt of another; if it entails sweatshops and

---

<sup>3</sup> Tradução livre: Para concluir, então, nosso conselho real para vocês é para que continuem - continuar e não parar. Ocupar mais, encontrar o outro, construir redes cada vez maiores, manter, descobrir e experimentar na vida social novas formas de consenso e de democracia. Descubra novas maneiras de usar esses espaços, descobrindo novas maneiras de segurá-los e nunca dar-lhes novamente. Resistir ferozmente quando você está sob ataque, mas por outro lado ter também prazer no que você está fazendo, que seja fácil, e mesmo divertido. Estamos todos assistindo uns aos outros agora, e do Cairo, queremos dizer que estamos solidários com você, e nós amamos todos vocês pelo o que estão fazendo.

underclasses and fracking and all the rest of the ugliness our system has created, then we want none of it. No one deserves to live in a world built upon the degradation of human beings, forests, waters, and the rest of our living planet. Speaking to our brethren on Wall Street: No one deserves to spend their lives playing with numbers while the world burns. Ultimately, we are protesting not only on behalf of the 99% left behind but on behalf of the 1% as well. We have no enemies. We want everyone to wake up to the beauty of what we can create.(EISENSTEIN, 2012, p. 4).<sup>4</sup>

As temáticas vão sendo ampliadas e os problemas são compreendidos em escalas maiores; assim, Eisenstein (2012) – que é articulador de várias etapas do OWS – apresenta em poucas palavras os objetivos mais recentes do movimento. Suas palavras buscam a harmonia, a amizade e o afeto, mas suas palavras direcionam outras possibilidades que somente farão sentido e se realizarão via resistência, ocupação de espaço e promoção de valores que vão além da moralidade capitalista.

Diante disso, lembramos que no dia 15 de novembro de 2011 a polícia de Nova York iniciou de forma violenta a retirada dos manifestantes. O mais importante é que retiraram os trabalhadores do espaço público, mas não cercearam suas vozes, sua mobilização, suas articulações, seu ódio a globalização e sua esperança na solidariedade de todos os povos. A retirada dos trabalhadores em Nova York motivou a concentração e mobilização de outros em todo o mundo. Assim, entendemos que a história está sendo escrita pelos trabalhadores e esses já condenaram o capitalismo globalizado.

Se antes os trabalhadores temiam, agora constroem novas espacialidades, novas histórias e um futuro contra-hegemônico.

## Referências

BRADLEY, A. **99 Faces of Occupy Wall St.** Disponível em: <http://www.99facesofoccupywallst.org/>. Acessado em: 15/05/2012.

EISENSTEIN, C. Sem título. **Adbusters**. mai-jun. de 2012, volume 20, número 3, p. 4. Disponível em : <http://www.adbusters.org/magazine>. Acessado em: 15/05/2012

FERNANDES, F. **Nós e o marxismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LASN, K. Entrevista. Criador do Occupy Wall Street quer novo partido nos EUA e reinvenção da esquerda. **Opera Mundi**. 22/01/2012. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/19307/criador+do+occupy+wall+street+quer+novo+partido+nos+eua+e+reinvencao+da+esquerda.shtml>. Acessado em: 01/03/2012.

**SOLIDARITY STATEMENT FROM CAIRO**. 25 de nov. de 2011. Disponível em: <http://occupywallst.org/article/solidarity-statement-cairo/>. Acessado em 14/01/2012.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. V. 1 . São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ZETLER, V. A humanização de um espaço: a Praça da Liberdade. **Revista Fórum**, n. 104, nov. de 2011. Disponível em:

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Nós não só protestamos contra a nossa exclusão do sonho americano, nós protestamos contra a sua desolação. Se ele não pode incluir todos na Terra, cada ecossistema e bioma, cada povo e cultura em sua riqueza, se a riqueza de um deve ser a dívida de outro, se implica o fraturamento de fábricas e subclasses e todo horror que nosso sistema criou, então nós não queremos nada disso. Ninguém merece viver em um mundo construído sobre a degradação dos seres humanos, florestas, águas, e o resto do nosso planeta vivo. Falando aos nossos irmãos em Wall Street: Ninguém merece passar a vida a brincar com números, enquanto o mundo queima. Em última análise, estamos protestando não só em nome de 99% que foram deixados para trás, mas também em nome do 1%. Nós não temos inimigos. Queremos que todos despertem para a beleza daquilo que podemos criar.



[http://www.revistaforum.com.br/conteudo/detalhe\\_materia.php?codMateria=9344/a-humaniza&cedil;&tilde;o-de-um-esp&cedil;o:-a-pra&cedil;a-da-liberdade](http://www.revistaforum.com.br/conteudo/detalhe_materia.php?codMateria=9344/a-humaniza&cedil;&tilde;o-de-um-esp&cedil;o:-a-pra&cedil;a-da-liberdade). Acessado em: 14/02/2012.

ZIZEK, S. O violento silêncio de um novo começo. In:HARVEY, D. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012. p. 15-26.